Kertész e a Perda da Experiência

Natália Leon Nunes

É comum ouvir que a invenção da fotografia permitiu uma libertação das artes plásticas, que puderam ter menos compromisso com a realidade e mais autonomia. É possível que essa afirmação — considerada muitas vezes na história da arte como a verdade que explica o início do Modernismo — seja simplista e desconsidere diversos elementos que existem desde que a arte recebe este nome. Não vou aqui tentar reconstruir toda a trajetória das artes plásticas para desmontar a afirmação acima. Não tenho conhecimento suficiente para isso e creio que a discussão seria bastante extensa. O que me chama a atenção nessa história que é contada acerca do Modernismo é que a fotografia aparece como algo que se opõe à arte. Como se a fotografia tivesse uma linguagem denotativa e sua função fosse apenas documentar alguns fatos, guardar informações. Como se essa nova forma de representação fosse para as artes plásticas o que, por exemplo, a imprensa foi para a literatura.

A obra do fotógrafo húngaro André Kertész é prova de que a fotografia não foi apenas forma de registrar fatos óbvios, nem apenas meio de guardar informações históricas relevantes etc. Ele registrou cenas sem grande importância do ponto de vista da informação útil — como são as fotos jornalísticas, embora seja conhecido mundialmente por ter contribuído ao chamado fotojornalismo. Mesmo sua participação na primeira guerra não transformou o caráter de seu trabalho. No lugar de fotos chocantes de cenas violentas, Kertész trouxe da terrível situação de guerra registros de conversas, sorrisos, coisa ou outra que passava quase despercebida naquele ambiente. Seu ensaio *On Reading* (Sobre a Leitura) parece representar aquilo que não pode mais ser vivido, nem dito. Sensações fugidias que escapam àquele que observa sua obra e àquele que é fotografado.

Kertész nasceu em 1894, na Hungria. Morou em Paris e nos Estados Unidos. Trabalhou para diversas revistas, mas não gostava de fazer trabalhos fotográficos remunerados. Em seu período parisiense, entrou em contato com o movimento Dada. O ensaio *On Reading* foi feito em 1971.

As fotos são todas em branco e preto e têm o mínimo de alteração possível – não há uso de zoom, nem mudança de tons. Além disso, não são posadas. As pessoas fotografadas não olham diretamente para a câmera fotográfica. Todas têm algo em comum: estão lendo. Algumas leem jornais, outras livros. Os ambientes em que leitores e leitoras aparecem são urbanos. Cenas de rua são recorrentes, mas também existem fotografias tiradas em cafés, trens e bibliotecas. Há um casal vendo um jornal no parque; três crianças sentadas na calçada, concentradas em um livro; um homem que estuda rodeado de pilhas de livros. Os leitores de livros parecem mais concentrados que os leitores de jornais. Enquanto o homem sentado num banco folheia notícias do dia, a jovem estuda compenetrada numa sala. A diferença de grau de atenção naquilo que é lido não impede, no entanto, que todas as pessoas fotografadas transmitam um ar distante do ritmo mais acelerado da cidade em que estão e da ordem dos objetos que as rodeiam.

A escolha da leitura como elemento comum das fotografias do ensaio parece tentar encontrar em cenas cotidianas da cidade algo que resiste a esse cenário. Dentre as formas de representação que existem, o texto escrito é um que não pode, antes de ser lido, fornecer o tempo exato que se leva para compreendê-lo. É claro que nenhuma forma de representação o pode. Nem mesmo a música e o filme, formas de representação passíveis de serem medidas em minutos, podem com isso conter o tempo exato de sua verdadeira compreensão. A compreensão deve ser entendida aqui não como o esclarecimento total da linguagem e da mensagem da representação, mas como a noção de seu todo. Se observo um quadro por um minuto, consigo descrevê-lo minimamente. "É todo de cores escuras e mostra um casamento". A descrição pode ser superficial, mas consegue encerrar aquilo que é representado.

O texto escrito tem o tempo de entendimento do todo dado muito mais pelo leitor. Não é apenas o tamanho de um livro que determina a distância entre o leitor e a última página. A curiosidade, a atenção, o prazer da leitura são variantes do tempo da compressão geral do texto escrito. A foto da leitura, mostrada em cenas diversas da grande cidade, parece a tentativa de captar uma temporalidade diferente daquela que é determinada pelo relógio. Temporalidade sem lugar na vida marcada pelo trabalho, pela rapidez, pela utilidade. De que serve a leitura que tem como único fim ela mesma? É claro que não pode haver exagero na interpretação de fotografias em que Kertész mostrou leitores de jornal. O jornal certamente encaixa-se mais nesse mundo da utilidade. Traz

a informação rápida, sem rodeios. É muito mais o lugar da prática do que da poesia. Ainda assim, todo o ensaio traz uma ausência não se sabe bem de quê. De quê?

Quando escreveu "Experiência e Pobreza" e "O Narrador", o filósofo Walter Benjamin constatou uma enorme — e ao que parece irreversível — perda que a humanidade teve na modernidade e que talvez tenha se potencializado com a primeira grande guerra. Embora apontem para desfechos diversos, os textos partilham algumas afirmações que valem serem lembradas. Não há mais narrador, nem experiência comum. A figura do contador de histórias — que aparece não só naquele que transmite oralmente aquilo que viveu, mas também no escritor que deixa registrado nos livros as grandes viagens que fez — não ocupa lugar nenhum na sociedade moderna. Contar histórias que transmitem às próximas gerações algum tipo de saber não faz mais sentido, porque pessoas de diferentes idades não participam das mesmas situações — as pessoas mais velhas, detentoras de maturidade e conhecedoras de fatos passados, passam de sábias a inúteis, pois não mais entendem do ritmo do mundo atual e, para ele, com nada podem contribuir.

A ausência de não se sabe bem o quê e a perda da experiência talvez sejam o fim de situações e histórias comuns passadas de geração em geração. A experiência de Benjamin não é simples vivência de qualquer coisa, é vivência coletiva. A experiência coletiva é saber de todos. Ela não só acontece no presente como se transforma em relato. A história é sua forma de preservação. A herança do saber carregado pelas gerações passadas é deixada por meio das narrativas. Mas a Modernidade, pelo que indicam os textos de Benjamin, pôs fim a essa narrativa. Qual é a experiência comum entre as pessoas quando não existe mais a figura do narrador? A literatura não é suficiente para o restabelecimento dessa experiência, especialmente na sua forma moderna: o romance. O romance, observou Benjamin, "dá a notícia da profunda desorientação de quem vive". O romance já é o relato de quem perdeu a experiência e a situação que experimenta seu leitor é a solidão. Mas talvez seja possível levantar a hipótese que mesmo a leitura de romances seja busca da experiência passada, do saber que não permaneceu no tempo devorador de si mesmo. Saber do tempo da eternidade que se perde na sociedade moderna.

André Kertész trabalhou muitas vezes em cima do tema da cidade. Walter Benjamin, ao falar da perda da experiência, lembrou de quando esta ainda existia nas comunidades. O fim dessa experiência coincide com o início dos grandes centros urbanos. A cidade traz uma contradição da convivência humana:

I BENJAMIN, W, "O Narrador". In: BENJAMIN, W, Obras Escolhidas, São Paulo: Brasiliense, 1996.

nunca houve tantas pessoas tão próximas e tão solitárias. A rua é sinônimo da pressa, do perigo, da passagem. O espaço público, do coletivo, da vivência, é o não-lugar. A angústia da vida moderna traz, em lugar da consciência de uma experiência comum, a sensação do vazio: a perda da experiência. É essa sensação que parecem transmitir as fotografias do ensaio *On Reading*. São fotos do silêncio, do descanso, da pausa, da atenção. De coisas que exigem um tempo que o tempo moderno não pode dar.

Leitores e leitoras que Kertész capturou nas ruas da cidade exercem aquilo que parece não ter mais espaço. Quando Benjamin percebeu que não havia mais a figura do narrador, identificou o fim de uma forma de transmissão do passado. Não o fim da leitura. Mas parece que essa vai pouco a pouco sendo substituída por outras formas de percepção mais rápidas, mais fáceis. Formas essas que transmitem fatos, não histórias. Não há mais experiência a narrar, não há mais quem a narre e não há quem a escute. As figuras das fotos de Kertész são leitores anônimos capturados nas cenas corriqueiras da cidade. São figuras como quaisquer outras que, olhadas com atenção em momento distraído, situam-se entre a tentativa silenciosa de experimentar outra temporalidade e a angústia da existência de quem vive a esperar o que não pode mais ser narrado.

Referências bibliográficas.

BENJAMIN, W, "Experiência e Pobreza". In: BENJAMIN, W, Obras Escolhidas, São Paulo: Brasiliense, 1996.

_____. "O Narrador". In: BENJAMIN, W, Obras Escolhidas, São Paulo: Brasiliense, 1996.

KERTÉSZ, A. On Reading. New York: Grossman, 1971.



Natália Leon Nunes é graduanda em Filosofia pela USP. E-mail: nana.leon@gmail.com